

★★★★

“UMA BELA NOTA FINAL”

– *The Guardian*

Um filme de

MICHAEL WINTERBOTTOM

STEVE COOGAN

ROB BRYDON

A Última Refeição



A

VIAGEM à GRÉCIA



SOBRE O FILME

Steve e Rob dispõem de seis dias para atravessar a Grécia, passando pelos locais míticos. Pelo caminho, discorrem sobre a tragédia e a comédia, a astronomia e a biologia, o mito, a história, a democracia e o sentido da vida!

Passados quase dez anos sobre a sua primeira viagem conjunta pelos melhores pontos gastronómicos do norte de Inglaterra, Steve e Rob partem numa quarta e derradeira expedição. Começando nas ruínas da Tróia antiga, na Turquia actual, seguem depois para a Grécia, com o intuito de refazer o percurso do lendário Rei Ulisses – o herói de “Odisseia”, o poema épico de Homero – no seu regresso a casa, em Ítaca, findas as guerras troianas. Os alter-egos semi-fictícios de Steve e Rob fazem-se à estrada em busca da cultura, da história, de vistas deslumbrantes e, claro está, de uma das melhores cozinhas da Europa.

ALGUMAS PERGUNTAS A MICHAEL WINTERBOTTOM

O que o levou a decidir fazer um quatro filme desta aventura?

Basicamente, era tentador, por ser agradável e porque é divertidíssimo trabalhar com o Steve e o Rob. Tenho a oportunidade de ir aonde quero e de comer nos restaurantes em que quero comer. E enquanto o faço, é sempre tentador pensar: “Bom, se calhar, faço mais um...”

Porquê a Grécia? Quando começou esta saga, fez uma lista de sítios aonde queria ir?

Quando comecei a pensar em fazer este filme, a minha ideia era que seria o último e, naturalmente, a Grécia sempre me pareceu o destino mais provável. A dada altura, até pensei optar pela Escandinávia – um lugar escuro e frio – mas sendo a Grécia, percebi que teríamos como roteiro a rota natural de Ulisses a tentar regressar a casa, de Tróia para Ítaca. Além de ser um bom lugar para começar a pensar sobre aquilo de que o Steve e o Rob poderiam falar, também transmite a ideia de alguém a voltar para casa, tendo estado ausente durante muito tempo. Em “Odisseia”, Ulisses é procurado pelo seu filho, portanto, a história vai-se alternando entre o Ulisses a tentar voltar e o filho à procura dele. O filho do Steve já tinha aparecido nos filmes anteriores, por isso, senti que aquela sensação de voltar para a família, de voltar para casa poderia ser um ponto de referência útil para este último filme.

É especialmente versado em história grega e nos clássicos?

De certa forma. Partimos sempre dum ponto que conhecemos. Ou seja, eu já tinha uma ideia do “Odisseia” e do “Íliada” e uma ideia muito vaga sobre a mitologia grega. Mas sabia que haveria muito de que falar na Grécia, já que é a pátria da narrativa, a pátria do drama, a pátria da comédia e da tragédia, a pátria da democracia, e assim por diante. O que proporciona, obviamente, muito material de conversa. Parte da piada é que quando pensamos: “Este é um bom ponto de partida”, a motivação ou a desculpa para estudar o tema torna-se uma das coisas mais aliciantes.

O que quis transmitir com este filme em particular?

Há um certo reflexo do meu envelhecimento e do envelhecimento do Steve e do Rob. Para mim, é sobre uma amizade. Parte da estratégia geral deste projecto é eles não serem *realmente* amigos: contracenaram na primeira viagem e depois repetiram-na. Não é que sejam melhores amigos, mas há um certo sentimento de amizade. Para mim, trata-se acima de tudo de uma visão – cada um deles personifica e verbaliza uma visão diferente do mundo. A vantagem de trabalhar com o Steve e o Rob é que eles têm a mesma idade, têm origens culturais muito semelhantes e é-lhes muito fácil conversar sobre as coisas. Coisas bastante misteriosas que eu desconheço, a cultura popular que eles conhecem muito bem. Mas eles têm visões muito diferentes do mundo e do seu papel nele, do que querem fazer com a sua vida e assim por diante. Isso dá-lhes muito material para brincar. Então, para mim, entre um e outro, eles verbalizam aquilo que muitos de nós sentem interiormente: há sempre uma contradição entre o querer ser ousado, ambicioso e impaciente, ter novas experiências e o querer estar confortável, ficar em casa e ter uma vida pacata.

REVISTA DE IMPRENSA

“A alegria para mim, ou a satisfação em estado estacionário que ocasionalmente se transforma em alegria, é a qualidade abrangente e de associação livre das tiradas de Rob e Steve e, acima de tudo, as suas deliciosas e mágicas imitações.” *Wall Street Journal*

“Pouco mudou nesta década de viagens.” *New Yorker*

“Um presente para qualquer apreciador das anteriores três viagens!” *RogerEbert.com*

“Um final magistral.” *The Guardian*

Reino Unido | 2020 | 103 min | Distribuição Alambique

